

GRAMATÔMICA – UMA FERRAMENTA PARA O ESTUDO DE CONLANGS

GRAMATOMICS – A TOOL FOR THE STUDY OF CONLANGS

GRAMÁTICA – UNA HERRAMIENTA PARA EL ESTUDIO DE LAS LENGUAS ARTIFICIALES

Marcelo Pessoa¹

DOI: 10.54899/dcs.v23i92.6333

Recibido: 20/06/2026 | Aceptado: 14/07/2026 | Publicación en línea: 24/07/2026.

RESUMO

O presente estudo, se volta a discutir algumas relações possíveis entre línguas naturais e línguas inventadas, por meio de uma nova ferramenta – a Gramatômica. Este texto, em essência, é o fundador da Gramatômica, conceito este proposto como ferramenta teórica e de análise para as constructed languages – as conlangs. Metodologicamente, tal escrita se constrói, por meio de uma revisão sistemática de literatura, combinada com o gênero Ensaio, em acervos físicos e digitais de escritos e posts sobre a linguagem humana. Justifica a realização desta proposta, a necessidade de ofertar ao linguista pesquisador, melhores ferramentas teóricas e metodológicas para bem explorar a natureza linguística diversa das conlangs face às línguas naturais. Como resultados parciais, apresenta-se aqui, uma tabela, recheada de argumentos de distinção entre línguas naturais e conlangs, especialmente úteis para aqueles que se dispuserem a estudar as línguas construídas, uma vez que tal segmento de estudo ainda não dispõe de argumento tão conciso e eficaz semelhante.

Palavras-chave: Gramatômica. Conlangs. Línguas Naturais.

ABSTRACT

This study aims to explore some possible relationships between natural languages and constructed languages through a new tool—Gramatomics. This text essentially lays the groundwork for Gramatomics, a concept proposed as a theoretical and analytical tool for constructed languages—or conlangs. Methodologically, this work is constructed through a systematic literature review, combined with the essay genre, drawing on physical and digital collections of writings and posts on human language. The rationale for this proposal is the need to provide linguistic researchers with better theoretical and methodological tools to fully explore the diverse linguistic nature of conlangs in comparison to natural languages. As preliminary results, we present here a table filled with arguments distinguishing natural languages from

¹ Doutorando em Linguística, pela UFSCAR. Doutor em Letras, Docente, na Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Frutal. Pesquisa doutoral desenvolvida com o apoio da FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, Frutal, Minas Gerais, Brasil. Universidade do Estado de Minas Gerais, (UEMG), Frutal, Minas Gerais, E-mail: marcelo.oliveira@uemg.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9193-4604>

conlangs, which are especially useful for those wishing to study constructed languages, since this field of study does not yet have such a concise and effective argument at its disposal

Keywords: Gramatomics. Constructed Languages. Natural Languages.

RESUMEN

El presente estudio se centra en analizar algunas posibles relaciones entre las lenguas naturales y las lenguas inventadas, mediante una nueva herramienta: la «Gramatómica». Este texto, en esencia, sienta las bases de la Gramatómica, concepto que se propone como herramienta teórica y de análisis para las lenguas construidas (conlangs). Desde el punto de vista metodológico, este trabajo se basa en una revisión sistemática de la bibliografía, combinada con el género del ensayo, a partir de fondos físicos y digitales de escritos y publicaciones sobre el lenguaje humano. La necesidad de ofrecer al lingüista investigador mejores herramientas teóricas y metodológicas para explorar adecuadamente la naturaleza lingüística diversa de las lenguas construidas frente a las lenguas naturales justifica la realización de esta propuesta. Como resultados parciales, se presenta aquí una tabla repleta de argumentos que distinguen entre lenguas naturales y lenguas construidas, especialmente útiles para quienes deseen estudiar estas últimas, ya que este ámbito de estudio aún no dispone de un argumento tan conciso y eficaz como este.

Palabras clave: Gramática. Lenguas construidas. Lenguas naturales.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO – DO GERAL PARA O PARTICULAR – QUEM É QUEM NO REINO DAS CONLANGS

No campo da Linguística, da Teoria da Comunicação, os estudos sobre línguas inventadas engatinham, enquanto que os estudos da linguagem humana, da língua enquanto sistema natural de comunicação e das ferramentas teóricas disponíveis para estudar estes últimos eventos já caminham em estágios bem mais avançados que esta sua irmã mais nova – as chamadas conlangs, as línguas construídas, ou línguas inventadas, ou línguas artificiais (Hutchinson, 2025).

Independentemente desse caráter de ‘novidade’ ou de ‘ciência do futuro’ que tais estudos, por isso, nos possa sugerir, qualquer trabalho que pretenda se debruçar sobre o reino das conlangs, terá de explicitar minimamente algumas categorias de abordagem sobre o assunto. Dentre estes recortes, será preciso ter às mãos preceitos básicos, de modo explícito ou como conhecimento de mundo partilhado, que respondam minimamente, a perguntas como: ‘que coisa é uma conlang?’, ‘quais os tipos de conlangs?’, ‘o que é um conlanger?’, ‘há conlangs prototípicas?’, ‘qual a diferença entre conlang e uma língua natural?’.

Enfim, estas são questões primárias que se apresentam a qualquer pesquisador deste assunto e que, portanto, são as mesmas com as quais nos deparamos agora. Neste sentido, é que este paper se dispõe, isto é, a prestar tais esclarecimentos e apresentar aos interessados, uma ferramenta eficaz de pesquisa, que seja própria e mais ajustada às conlangs – a Gramatômica.

Que Coisa é uma Conlang?

O termo *conlang* deriva do inglês, ***constructed language***, sendo que, do somatório de suas sílabas iniciais **con+lang**, resulta um vocábulo único: ***conlang*** – simples assim. Mais à frente, quando fizermos uma breve classificação de alguns dos tipos de *conlang* existentes, daremos a saber nomes de *conlangs* mais ou menos conhecidas do grande público, por meio da mídia, do cinema, do mercado financeiro, das artes, do noticiário, somente a título de amostras sobre do que estamos falando.

São chamadas *conlangs*, as línguas construídas, ou línguas inventadas, ou línguas projetadas, ou línguas artificiais, ou ideolínguas, aquelas que, por meio dos mais diversos procedimentos de construção e para atender a múltiplas necessidades, foram artificialmente criadas, quer seja por agentes humanos, quer tenham surgido, mais recentemente, a partir de *prompts* dados a operadores de IA (Inteligência Artificial).

Em suma, a ideia subentendida e circulante de *conlang* sugere uma oposição entre o que intuitivamente entendemos como sendo uma língua natural, vigente ou inativa (Sânscrito, Latim, Inglês, Português, Russo, Mandarim etc.), no sentido de que, enquanto uma *conlang* foi inventada, seguindo uma motivação em particular (artística, humorística, comercial), a língua natural nasce espontaneamente, em meio à sociedade, nela se desenvolve e, independentemente do desejo de seus usuários, atua significativamente para o estabelecimento de comunicação, de registros históricos, se sujeitando à interferência de subjetividades individuais, de imprecisões regionais e ao ritmo das variações de uso.

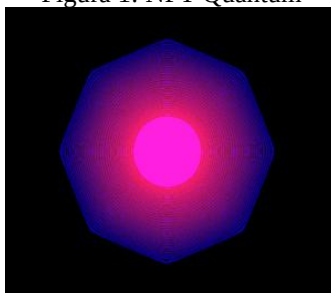
Quais os Tipos de Conlangs?

Disso, temos as *conlangs*, de natureza *a priori*, o que quer dizer que foram construídas do ‘nível zero’ (gramática, palavras, alfabeto, fonética, ortografia etc.). O protótipo mais lembrado desse formato, é o da língua inventada Klingon, criada por Marc Okrand, linguista norte-

americano, nascido em 1948, que sistematizou este projeto, para o filme *Star Trek III: À Procura de Spock*, de 1984.

As *conlangs a posteriori*, são aquelas que, de algum modo, mais ou menos profundo, se valem de argumentos de línguas já existentes (naturais e inventadas). O modelo típico desta conduta, o temos no linguista e filólogo britânico-sul-africano, John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973), o qual sabidamente inventou mundos possíveis para que abrigassem as suas mais de 30 línguas e dialetos criados, em meio aos quais se misturaram elementos do finlandês, do galês, do latim, do grego, do hebraico e do inglês *inter alia*. Tolkien também é muito lembrado, pelas obras em que ele inseriu suas neolínguas: *O Hobbit*, 1937, *O Senhor dos Anéis*, 1954-1955, e *O Silmarillion*, 1977 (Lopes, 2012).

Figura 1: NFT Quantum



Fonte Figura. 1: McCOY (2014)

As *conlangs a priori* ou *a posteriori*, por sua vez, podem ser classificadas, conforme a sua finalidade ou modo com que são empregadas por seus criadores e ou usuários. Se a partir de inventores como Tolkien, podemos crer que pode haver tantas *conlangs* quanto a quantidade de seres humanos no Planeta, face ao caráter livre inventivo deste gênero linguístico, selecionaremos na sequência, algumas das principais classificações que circulam sobre os tipos possíveis de *conlangs*. Por hora, faremos uma breve digressão sobre invenções.

Figura. 2: NFT Everyday



Fonte Figura. 2: Beeple (2021)

A título de ilustração comparativa sobre o volume realizável de *conlangs*, resgatemos o *case* dos criptoativos (dinheiro digital, tokens, NFTs, RWAs). Na foto à direita, acima, temos o 1º NFT criado, em 2014, chamado de *Quantum*, por Kevin McCoy e Anil Dash.

Já, na foto da esquerda, temos um NFT colagem, intitulado *Everydays: The First 5000 Days*, criado por Michael Winkelmann que, em 2021, vendeu seu ativo digital, pela bagatela de 69 milhões de dólares, enquanto que o *Quantum*, no mesmo ano, foi vendido por apenas 1,5 milhão de dólares: (Fonte da imagem de Winkelmann e das informações sobre NFTs: <https://coinext.com.br/blog/10-nfts-mais-caros-do-mundo>).

Um NFT é um nome que vem da sigla de ‘Non-Fungible Token / Token Não Fungível’, e se refere a um tipo específico de registro de patrimônios no ambiente digital, via portais *blockchain*. Agora, olhando para o *Quantum*, acima, e mesmo para o seu primo mais rico, o *5000 days*, nos indagamos se tais imagens não teriam tanto ou o mesmo valor que a pareidolia da Gávea nos sugere haver, para quem a observa.

A imagem do NFT *Quantum* e do *5000 days*, atingiram um valor econômico altíssimo, porém, como desenho em si, como obras de Arte, não nos pareceriam algo muito promissor, se não estivessem atreladas, como estavam, a um Projeto tecnológico maior, em que o contexto lhes serviu como catapulta de valorização. E, neste sentido, se olhamos para a Pedra da Gávea, e alguns de nós ‘querem mesmo’ ver ali símbolos fenícios, letras e frases, contar lendas sobre túmulos reais, e ainda fotografar nela um gigantesco rosto fenício ‘esculpido’ em uma das faces daquela imensa pedra. Também, podemos aceitar com menor resistência, que o *Quantum* e o *5000 days* ou outro tipo de NFT semelhante, teriam algum valor. A questão que sobra é: por que não hesitamos em atribuir valor a NFTs, que sequer existem no mundo físico, e desvalorizamos ou negamos a existência daquilo que está bem visível e real diante de nós?

Além de NFTs e pareidolias, é do mesmo ambiente tecnológico dos *tokens* que nasceu a primeira criptomoeda, ou moeda digital, o Bitcoin, em 2008, inventada por alguém que se deixou conhecer sob o nome ou codinome de Satoshi Nakamoto (Satoshi descreveu seu projeto, num *whitepaper*, publicado no dia 31 de outubro de 2008. *Link* para o texto original de criação: <https://bitcoin.org/bitcoin.pdf>). De lá para cá, segundo informações extraídas de *sites* do mercado financeiro, como o da CoinMarketCap, o sistema operacional que abriga este tipo de tecnologia de digitalização de riquezas, o *blockchain*, registra um montante de ativos digitais, que ultrapassa a casa dos 53 milhões de anotações. Isto equivale a dizer que o crescimento deste tipo de atividade econômica, entre 2008 e 2026, representa um aumento percentual de 5.299.999.900% (quase 5,3

bilhões por cento) na variedade de ativos existentes.

Logo, se considerarmos que duas das primeiras *conlangs* de que se tem notícia, a Língua Ignota (1150 d.C., criada na Alemanha, por Santa Hildegarda de Bingen, a 1ª de uma linhagem de *conlangs* de autoria individual), e o Balaibalan (1580 d.C., criada no Oriente Médio, por Muhyî-i Gülşenî e outros místicos sufis, sendo a 1ª *conlang* de autoria coletiva), já são bem antigas, e que a criatividade humana e as probabilidades linguísticas são praticamente infinitas e tecnicamente comparáveis, pelo menos em potencial, ao lastro expansível dos ativos tecnológicos, é fácil supormos que o volume existente de *conlangs* no mundo, se ainda não análogo aos bens digitais e aos criptoativos, ao menos, nos sugerem uma possibilidade gigantesca de eventos linguístico-criativos a serem gestados e listados.

Sendo assim, em ordem alfabética, são mencionadas como línguas artísticas, as **artlangs**, tais como o Klingon – EUA (Filme *Star Trek III*, 1984); ou a SHAS SID – BRA (criado por Flávio Rebello, na obra *A Revelação*, de 2007), presentes na arte fílmica e literária, respectivamente.

Como línguas auxiliares, têm-se as **auxilangs**, como o Esperanto – POL; ou a LIBRAS – BRA, ajudando na eliminação de barreiras internacionais de comunicação, de um lado e, de outro lado, contribuindo para a acessibilidade e maior inclusão social.

Como línguas secretas – criptoletos / *cryptolects* –, têm-se as **cryptolangs**, como o *Thieves' Cant* / cantos de ladrões – ING (Grose, 1785); ou a Guinlagem de Camaco – BRA (Vila de Utopia, 2021), permitindo simultaneamente que um grupo criminoso se mantenha imune aos agentes do Estado, ou evitando que estrangeiros usurpem uma cultura, de outro. Se, de um lado, a Camaco permitiu a uma comunidade se preservar de um ‘outro’ colonizador, espoliador talvez, de outro, o *Thieves' Cant* se prestou, tanto a servir a ladrões, quanto integrou o rol das regras de jogos de fantasia, tais como o RPG. E, neste caso, é interessante, ao menos *en passant*, deixar ao leitor uma referência sobre (Mearls & Crawford, 2017).

Como línguas de contato, há a *conlang* denominada de pidgin, donde têm-se as **contactlangs**, como o Michif: língua mista, falada por parte do povo Métis, da América do Norte; ou como o Portunhol – BRA, modalidades que permitem que habitantes de zonas fronteiriças, por exemplo, quebrem barreiras de comunicação e minimamente se compreendam em interações do dia a dia.

Como línguas projetadas, as *engineered languages* são um tipo de *conlang* que não se baseiam em nenhuma língua natural existente. Normalmente elas servem para testar hipóteses

linguísticas, explorar a relação entre linguagem e pensamento, ou para promover execuções lógicas e inequívocas, tais como a escrita logográfica da Matemática. Nisso, têm-se as **eng-langs**, como o Prolog – FRA; e a Lua – BRA, linguagens estas que, por natureza, são bem restritas às Ciências Exatas e ao ambiente da computação, empregadas usualmente para o desenvolvimento, treinamento e aprendizagem de máquinas.

Como as **jokelangs**, criadas puramente por humor, sátira ou paródia. No BRA, o equivalente minimalista desse tipo de *conlang*, talvez possa ser o do Dialeto do Mussum. Mussum, personagem do artista Antônio Carlos Bernardes Gomes (1941-1994), por meio de expressões que transformavam palavras comuns, em termos com terminações em -is ou -es, fez com que ‘tranquilo, virasse ‘tranquilis’; que ‘típico’, virasse ‘tipiques’; que ‘casamento’, se dissesse ‘casamentis’, permitindo que o Português Brasileiro, em 1965, virasse uma **joke minilang**, recheada de efeitos de humor e, provavelmente, por causa disso, logo caiu no gosto popular e, até hoje, frequenta o imaginário cultural do país.

Como Línguas de Crianças / Inventadas por causa da Infância, as **ludlangs**. São aquelas que mais se parecem como jogos linguísticos, dialetos lúdicos ou línguas de algum modo infantis, como o clássico ‘língua ou idioma do p’, imortalizado entre nós, pela transmissão intergeracional, e fixada em livro, na obra “A Língua do ‘P’” (Lispector, 1974).

Como as **machinelangs**, isto é, as Línguas de Computador. Estas, são linguagens artificiais, desenvolvidas com o propósito de viabilizar a comunicação com ou entre máquinas, como as linguagens de programação (Java, Python e C++).

Como as **minilangs** / **microlangs**. Minilínguas, portanto, são aquelas que foram projetadas para ter um vocabulário e uma estrutura gramatical extremamente reduzidos, podendo ser *a priori* ou *a priori*, tanto faz. O Toki Pona, nascido na Internet, em 2001, criado por Sonja Elen Kisa, tinha o objetivo de simplificar o pensamento e reduzir o estresse. No BRA, é possível encaixar nesse modelo, o nosso ‘internetês’, ou mesmo as PT-SMS (*Short Message Service* / Serviço de Mensagens Curtas).

Esta espécie de ‘variante brasileira’ do Toki Pona, compõe-se de neologismos, de siglas, de abreviaturas, de rupturas face à gramática formal, usando dos mais diversos caracteres e itens imagéticos, tais como os Emojis & os Emoticons, justamente promovendo efeitos de objetividade comunicativa, de sutileza emocional nas entrelinhas dos subtextos (Valadares & Moura, 2016).

Como a **natlang**. Abreviação que a comunidade *conlanger* usa para se referir à ‘língua natural’. A explicação do termo é curta, mas eficaz.

Como as **personal langs**. As Línguas Pessoais, são aquelas criadas por um indivíduo e para o seu próprio uso íntimo. Geralmente isso se expressa em suportes como os diários particulares, sem a intenção de espalhá-las ou usá-las numa ficção específica. O modelo mais prototípico desse formato, talvez seja o do *Manuscrito Voynich* (livro Voynich aberto, na foto abaixo).

Figura 3: Manuscrito Voynich



Fonte Figura. 3: Corral (2018)

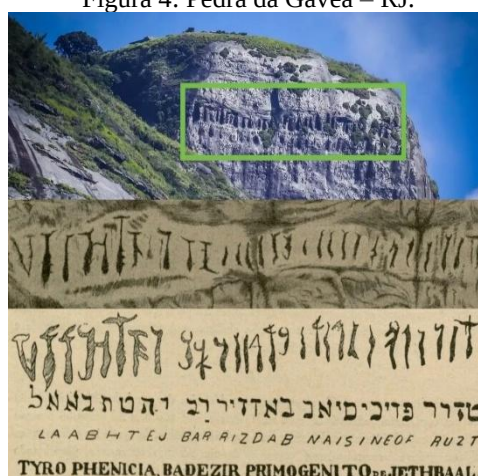
Por hora, temos que este texto Voynich foi noticiado, pela primeira vez, na cidade de Praga, Europa central, República Tcheca, momento em que o Imperador Rodolfo II (1580-1612), de Habsburgo, o adquiriu. Porém, relata-se que este Manuscrito passou pelas mãos do matemático e astrônomo inglês, John Dee (1527–1609) ou de seu assistente, Edward Kelley (1555–1597), ocultista e vidente. Que nele há a assinatura de um Jacobus Horcicky de Tepenec (1575–1622), farmacêutico, alquimista e médico da corte imperial. Que esteve nas mãos do alquimista Georg Baresch (1585 – 1662), colecionador e boêmio, e do cientista Johannes Marcus Marci (1595–1667). E que, depois, esteve com o polímata jesuíta, Athanasius Kircher, em Roma, até ter sido esquecido pela Igreja Católica, por mais de 200 anos. Só vindo a reaparecer, em 1912, nas mãos do livreiro polonês, Wilfrid Voynich (1865–1930, a partir do qual o texto recebeu seu atual nome: *Manuscrito Voynich*.

O códice Voynich repousou num pergaminho, datado entre 1404 e 1434, sendo composto de imagens, fórmulas, palavras, dobraduras, tudo junto e misturado, desafiando linguistas, há pelo menos seis séculos, sem haver, até hoje, consenso sobre o seu significado, tradução, objetivo e

até a origem certa – e, neste caso, se foi feito por uma só pessoa (que é o que parece), para o seu uso próprio, não só é uma **personal lang** típica, como, por óbvio, nunca saberemos o que os seus escritos e desenhos querem, de fato, dizer.

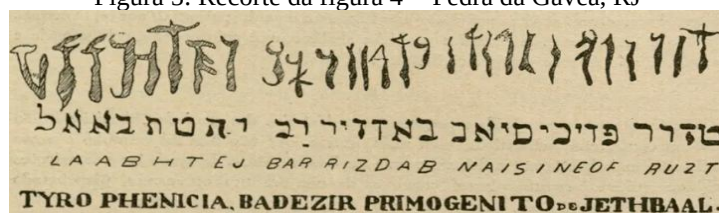
No BRA, o mais próximo disso que temos registro, não é exatamente um texto, um livro, mas um petroglifo² carioca, em que se lê uma inscrição, supostamente de origem fenícia, na Pedra da Gávea – RJ. Se verdadeiras, a facção de tais letras se posicionariam historicamente entre os séculos X a.C. e V a.C. (aproximadamente entre 1000 a.C. e 500 a.C.). Abaixo, veja um recorte ampliado das escritas indicadas na figura 4, ao lado.

Figura 4: Pedra da Gávea – RJ.



Fonte Figura. 4: ITAWAY Ecoturs (2022)

Figura 5: Recorte da figura 4 - Pedra da Gávea, RJ



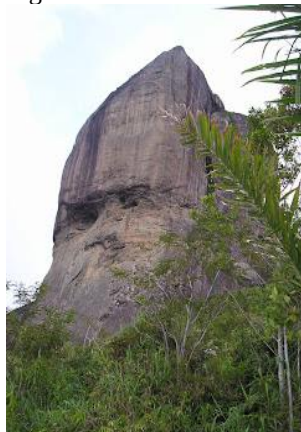
Fonte Figura. 5: ITAWAY Ecoturs (2022)

Sem nos aprofundarmos muito no terreno das polêmicas arqueológicas e ou históricas que orbitam a história deste petroglifo, convém destacar, ao menos, que há muitas divergências sobre as origens fenícias das inscrições e, se são de fato obra de mãos humanas ou alienígenas, ou se fruto de eventos da natureza ou pura fantasia. Valeria perguntar, porém, como que a natureza

² Por definição, um ‘petroglifo’ se constitui de gravuras rupestres, imagens e símbolos esculpidos diretamente na rocha, feitos por povos ancestrais. Em linhas gerais, eles fazem parte de uma denominada arte rupestre e, como foram criados por civilizações antigas ao redor do mundo, picotando, riscando ou desgastando superfícies de pedras com ferramentas primitivas, muito disso tem se perdido no tempo pela erosão, enterrado por desabamentos ou sofrido múltiplas alterações pela ação do clima.

teria conseguido esculpir um rosto humano, numa das faces da montanha (foto ao lado), reunir 30 letras, legíveis exatamente em ordem inversa, do modo como se fazia em idiomas orientais à época estimada para tais eventos (~1000 a.C.) e, aleatoriamente, ainda produzir algum significado, tudo meio que ‘por acaso’?

Figura 6: A face de Badezir



Fonte Figura. 6: TERRALIMPA TV (2010)

O que nos chama a atenção, neste caso, é que, enquanto o *Manuscrito Voynich*, aparentemente se aquieta quanto aos questionamentos de sua origem humana, pelo fato de ser um manuscrito, as inscrições da Pedra da Gávea tendem a afastar definitivamente aquilo que vemos como produto de ação humana, tratando-as como erosão climática e temporal, como ‘vozes da cabeça de alguém’. Contudo, vários estudiosos que a tais questões se voltaram, de um lado, por exemplo, no caso do Voynich, detectaram que as inscrições do códice se parecem muito com algum tipo de língua natural, é um manuscrito, tem letras, cuja combinação frasal segue um certo padrão gramatical, tem desenhos, tem encadernação, tem dobraduras compondo o volume, porém, o que o Voynich não tem, é significado.

Isto é, nenhum tradutor, em quase 600 anos, conseguiu descobrir o que o texto de Voynich significa, em detrimento de ter pertencido a vários donos, nem a que tronco linguístico aquela escrita pertenceria, ou mesmo, sugerir um sentido minimamente plausível para o texto. Agora, com respeito aos desenhos da Gávea, viu-se que se parecem muito com a escrita fenícia, e que, por isso, podem realmente ter sido feito por ação humana e que, numa proposta de decodificação, chegou-se a um montante de 30 letras visíveis.

Daí, esta sequência, lida, à moda da época aproximada para os tempos fenícios (~1000 a.C.), seguiria a mesma fórmula do tronco linguístico do hebraico, da direita para a esquerda,

como um palíndromo, em Português: LAABHTEJBARRIZDABNAISINEOFRUZT e, quando transliteradas para o alfabeto latino, se dispõem assim: TZUR FOENISIAN BADZIR RAB JETHBAAL.

Então, por obra de alguns tradutores, como o arqueólogo Bernardo Azevedo da Silva Ramos, até mesmo se conseguiu depreender, em 1928, não só tal conjunto de letras, como até formar uma frase, a partir delas: “Tiro, Fenícia, Badezir, Primogênito de Jetbaal”. Depois de Bernardo Ramos, um teosófico, de nome José Henrique de Souza, em 1954, acrescentou itens e hipérbatos à primeira tradução, formulando o enunciado: “Jetbaal, fenício de Tiro, primogênito de Badezir”, momentos em que se formularam, também, lendas sobre um túmulo, também fenício, encravado na mesma montanha.

E, para o que nos interessa aqui, vejamos que, ao lado do Voynich, a escrita supostamente fenícia da Gávea, têm igual aparência de obras humanas, possivelmente inventadas, seguindo os dois, a mesma estirpe ‘criativa’. Mas, ao contrário desse seu correlato europeu, o da Gávea tem propostas de tradução e algum significado possível, elementos que, apesar de curiosos quando vistos assim, de supetão, mantém, ao nosso ver, tanto o Voynich, quanto o petroglifo da Gávea, no rol das *personal langs*. Uma, oriunda, em última análise, do livreiro polonês, Wilfrid Voynich, e a outra, produto do estudo ou da imaginação fértil de dois brasileiros: Bernardo Azevedo da Silva Ramos e José Henrique de Souza. Logo, nos dois casos, o que temos, no mínimo, são exemplares de amostras de línguas inventadas.

Síntese das Classificações de Conlangs

Conlangs são línguas construídas, projetadas ou inventadas, *a priori* e ou *a posteriori*, e se subdividem em: *artlangs*, *auxilangs*, *cryptolangs*, *contact-langs*, *eng-langs*, *jokelangs*, *minilang*, *ludlangs*, *machinelangs*, *minilangs / microlangs*, e *personal langs*.

O que é um Conlanger?

A depender do projeto de língua a ser criado, vários agentes podem ser recrutados para executar as tarefas de criação do novo idioma. O **conlanger** (o criador, o ideolinguista) é o agente natural do processo.

O *conlanger* define o que quer da língua. Se terá ou não escrita, qual gramática, qual

vocabulário, quais sons enfatizar (guturais, orais, grunhidos, zumbidos etc.), se os falantes serão humanos, seres mágicos, alienígenas, animais, seres inanimados. Se a linguagem será lúdica, épica, técnica etc.

Podem aparecer na equipe durante o **conlanging** (processo de criação da língua), especialistas em Linguística, criadores de mundos, roteiristas, atores, dubladores, **engelang**s (engenheiros de línguas) envolvendo ou não, a possível comunidade de fãs e de usuários da ideolíngua nascente.

O neo-falante de uma ideolíngua, é um **conlang learner**, o aprendiz de uma *conlang*.

Este campo de atuação acadêmica é preenchido por **conlanguistas**, normalmente vinculados à área da Interlinguística.

Há Conlangs Prototípicas?

Diante do exposto aqui, podemos dizer que sim, que existem *conlangs* de referência no reino das línguas inventadas. E, por *conlang* prototípica, podemos considerar, como portadoras de certas ‘regras de ouro’ para esta classificação, aquela língua que sabidamente foi intencionalmente inventada por uma ou mais pessoas, dentro de um contexto, data, e para uma certa finalidade (TV, Cinema, *Streaming*, Computação, Literatura, Aparato Auxiliar de Comunicação, Atividade Econômica, Universalização Linguística etc.).

No caso, as mais de 30 línguas de Tolkien, autor já mencionado, assumiriam facilmente o topo de um *ranking* ideolinguístico, quer seja pelo volume, quer seja pela qualidade, quer seja pela objetividade, quer seja pela relevância acadêmica que também os feitos de Tolkien nos legaram (Martins, 2011; Souza, 2016):

O que considero um ‘fato’ fundamental sobre meu trabalho é que ele forma um todo coeso e tem uma inspiração essencialmente linguística. [...] A invenção das línguas é a base. As ‘histórias’ foram criadas para fornecer um mundo para as línguas, e não o contrário. Para mim, o nome vem primeiro e a história depois [...] É, em grande parte, um ensaio de ‘estética linguística’, como costumo dizer às pessoas que me perguntam ‘do que se trata tudo isso’ (J. R. Tolkien, In: *Línguas*, do “Portal de Tolkien”: <https://tolkiengateway.net/wiki/Languages>).

Em termos de *conlangs*, vemos que, nos produtos de Tolkien, predominam os construtos *a posteriori*, em que ele vai aqui e acolá, enxertando em seus idiomas, fragmentos de línguas naturais existentes, tanto de mortas quanto das em uso. Daí, do reino ideolinguístico de Tolkien,

depreendemos os seguintes grupos idiomáticos:

1. Línguas Élficas, tais como o Quendiano primitivo, as Línguas avarinas (pelo menos seis línguas), o Eldarin comum, o Quenya, o Vanyarin, o Quenya Noldorin, o Telerin de Valinor (derivado do Telerin comum, mas influenciado pelo Quenya), o Telerin comum, o Telerin de Valinor (considerado um dialeto do Quenya), o Sindarin (pelo menos três dialetos), as Línguas Nandorin (influenciadas por Avarin) – **só neste grupo, já são mais de 15 línguas.**
2. Além destas, ainda se registram as Línguas masculinas (todas mostraram influência de línguas avarinas, bem como do khuzdul).
3. As Línguas dos ancestrais da Primeira e da Terceira Casas dos Atanatári ("Homens do Norte").
4. A Língua Taliska (dois dialetos). A Língua Adûnaica. E, também, o Westron (influenciado pelo Sindarin e pelas línguas de Eriador). O Hobbitês (influenciado pelas línguas dos nórdicos). O Stoorish (influenciado por Dunlendish). O Adûnaico Negro dos Númenóreanos Negros.
5. As Línguas dos Homens de Eriador, durante a Segunda Era. As Línguas dos Nórdicos. A Língua de Dale, a de Rohanese.
6. A Língua dos ancestrais da Segunda Casa dos Atanatári ("Homens do Sul").
7. A Língua Haladin, a Dunlendish, a Drúadan.
8. A Língua dos Drúedain de Brethil.
9. A Língua dos Woses da Floresta de Drúadan.
10. Há, ainda muitas línguas Haradrim, outras tantas línguas dos povos orientais. E, mais, a Língua dos Lossoth, a Línguas dos Anões, o Khuzdul (construído por Aulë), o Iglismêk (linguagem gestual), as Línguas dos Ents, o Entish antigo (baseado no Eldarin comum).
11. As Línguas dos Ainur (Valar e Maiar). O Valarin.
12. As Línguas dos Orcs. Outras línguas orcas (influenciadas por muitas línguas).
13. A Língua Negra (criada por Sauron, influenciada por Valarin). O Discurso negro "puro", a Fala negra "degradada" (influenciada pelo Orc).
14. E, finalmente, outros idiomas, como a Língua do lobo e a Língua do tordo (Informações retiradas do *Portal de Tolkien*: https://tolkiengateway.net/wiki/Languages#List_of_languages).

Outro caso de *conlang* prototípica, que também já mencionamos, é o do Klingon. A particularidade sobre ela, que cabe acrescentar agora, é a de que esta ideolíngua tem sido capaz de gerar muita receita, tanto na esfera do cinema e da TV, donde ele primeiramente apareceu (Okrand, 1995 e 1996), quanto em eventos relacionados à Cultura Nerd.

Os chamados eventos Sci-fi Comic book convention, geram outros, tais como as Convenções Temáticas de Star Trek, a Dragon Com e a Comic-com, em que o conjunto, tanto em marcas e patentes, quanto em riqueza gerada e em público atraído, ultrapassam a casa dos bilhões (Associação Brasileira de Licenciamento de Marcas e Personagens, 2026; OMELETE COMPANY & GO GAMERS, 2024; Licensing International, 2025).

Um dado relevante sobre estes números relacionados ao Klingon, incide sobre o fato de que, pelo menos 14 países (lista abaixo), com suas populações inteiras somadas, não chegam, nem de perto, ao montante de 1 bilhão de pessoas – populações menores, portanto, que o público

rotativo anual dos eventos Nerd –, e o PIB estimado de todos eles, beira aos 35 bilhões de dólares, bem abaixo do que o segmento Nerd, como um todo, é capaz de gerar durante um exercício fiscal padrão (US\$ 1,84 trilhão, *id ib*).

1. Andorra: ~80.800 habitantes;
2. Antígua, Barbuda: ~93.700 habitantes;
3. Dominica: ~66.200 habitantes;
4. Estados Federados da Micronésia: ~99.600 habitantes;
5. Ilhas Marshall: ~42.000 habitantes;
6. Liechtenstein: ~40.100 habitantes;
7. Mônaco: ~38.300 habitantes;
8. Nauru: ~12.000 habitantes;
9. Palau: ~18.000 habitantes;
10. San Marino: ~33.500 habitantes;
11. São Cristóvão e Névis: ~47.700 habitantes;
12. Seicheles: ~100.500 habitantes.
13. Tuvalu: ~9.500 habitantes;
14. Vaticano: ~760 habitantes.

Logo, o fator a se considerar, é que o potencial de receita perene oriunda somente das feiras, do tipo *Comic-Com*, foi avaliado recentemente, em cerca de US\$ 846 milhões, com projeções de crescimento contínuo de volume para os próximos anos (Comic-Con Market Size, Revenue & Growth Trends 2035). E, de modo ainda mais impressionante, o mercado global de feiras corporativas, exposições e conferências, em que entram gigantes da tecnologia e da cultura Nerd, como a CES, Mobile World Congress e Web Summit, foi avaliado em US\$ 1,84 trilhão (Events Market Research Report 2034 - Dataintel).

A título de fato complementar, sabemos que o Klingon já foi alvo de nativização linguística, nos anos 1990, num experimento que envolveu o linguista norte-americano, o Dr. d'Armond Speers, que decidiu criar seu próprio filho, Alec Speers, como bilíngue em inglês e em Klingon. Isso não avançou tanto quanto a tentativa mais bem sucedida de nativização do Esperanto (Speers, 2010; Golijan, 2009; Hiskey, 2012).

Outro exemplo bem prototípico de *conlang*, é o Esperanto, língua esta elaborada como proposta de Universalização Linguística, que foi criada pelo médico oftalmologista e linguista polonês, Ludwik Lejzer Zamenhof, em 1887.

Apesar de o Esperanto ser uma língua artificial, planejada, já se anotam registros de nativização linguística a ela relacionados. E, como não existe um país físico, do tipo chamado 'Esperantolândia', embora os 'esperantistas' empreguem o termo simbólico 'Esperantujo' para expressar sua 'nacionalidade', os pais de crianças nascidas esperantistas, normalmente em contextos de bilinguismo, combinando uma língua natural com esta planejada, organizam

anualmente o ‘Renkontiĝo de Esperanto-Familioj’ (Encontro de Famílias Esperantistas), uma vez que se glosam atualmente, mais de 2000 esperantistas, falantes estes espalhados pelo mundo (Bergen, 2001; Corsetti, 1996; Lindstedt, 2006).

Qual a Diferença entre uma Conlang e uma Língua Natural?

Este Artigo é o texto fundador, é o primeiro registro físico de um tipo de abordagem, de ferramenta metodológica, a respeito das *conlangs*, a qual chamaremos de Gramatômica.

Os conteúdos que sabemos, em linhas gerais, sobre as ocorrências linguísticas que envolvem as *conlangs*, os sintetizamos até aqui. Assim, é válido dizer, que a mediana de tudo o que se sabe sobre a natureza das *conlangs*, se reporta, em certo grau, não apenas ao que trouxemos no texto, mas também ao caráter intuitivo, oriundo da percepção que cada um de nós tem a respeito do que sejam as línguas naturais e as línguas inventadas.

Isto é, estudamos e fazemos as *conlangs*, como se estivéssemos lidando com as línguas naturais. Até mesmo os *conlangers* se voltam a estes paradigmas, criando em seu glossário, o termo *natlang*, para se referirem à língua natural. E, também, ao lado disso, o que mais se tem feito neste terreno de línguas inventadas, é construir listagens de línguas e de termos em uso, reunindo sob um determinado escopo, uma ou um grupo de línguas inventadas, agrupadas por finalidade, por autoria, por mera compilação.

Assim é que, por exemplo, no *Portal de Tolkien*, encontramos ali reunidas, as línguas e dialetos que foram inventadas por um mesmo autor, no caso, John Ronald Reuel Tolkien, conhecido mundialmente como J. R. R. Tolkien (1892-1973) e pela envergadura das obras em que tais línguas apareceram, tais como *O Hobbit* (1937), *O Senhor dos Anéis* (1954-1955), e *O Silmarillion* (1977).

No quesito de compilação e, de certa maneira, também, de índole descritiva, encontramos algumas obras, em que a intitulada *In the land of invented languages*, de Arika Okrent (Okrent, 2009), certamente é topo de cadeia no gênero. Neste livro, aparecem algo em torno de 500 *conlangs* catalogadas, em nível global, e o seu escopo descritivo, não só se prende a premissas angulares das línguas naturais, como também apresenta praticamente as mesmas características gerais com as quais *conlangers* do mundo inteiro intuitivamente se deparam ao projetar suas línguas, características estas que Harness, em 2025, também repercutiu:

Antes do uso generalizado da internet, qualquer pessoa que quisesse criar uma língua ficava praticamente sozinha, escrevendo suas ideias e raramente as compartilhando. Com a formação de comunidades online, no entanto, grupos de inventores de línguas puderam, de repente, conversar entre si e compartilhar ideias. Essas comunidades acabaram se referindo às suas línguas inventadas como "conlangs" e ao que faziam como "conlanging" (PETERSON). Eles encontraram essa palavra pegando a primeira sílaba de "construído" e a primeira sílaba de "linguagem" e costurando-as. Foi nesse ponto que as pessoas começaram a deixar claro que havia uma diferença entre uma conlang e um jargão. Uma conlang tinha regras e gramática, assim como uma língua real; as palavras e frases seguiam padrões reconhecíveis. Qualquer um poderia bater as mãos contra um teclado e decidir que aquela era sua nova palavra inventada, mas para ser um conlanger de verdade, era preciso estudar a linguagem e fazer um plano real (Harness, 2025, p. 01).

Além destas duas menções compilatórias e descritivas, um *site* voltado exclusivamente para o gênero *conlang* (o <https://conlang.org/> – Language Creation Society – LCS), portal de abrangência mundial no segmento, divulga eventos linguísticos destes interesses e outras atividades. Ele funciona como um tipo de repositório digital sobre publicações de interesse dos *conlangers*, mantendo uma aba, denominada “Fiat língua”, alojando ali, PDFs de cientistas linguísticos e conteudistas informais do mundo inteiro, que, de modo direto ou indireto, se preocupam com as *conlangs*. Há outra aba interessante, a de “Ensaaios”, que abriga textos sobre experiências ideolinguísticas.

O *site* está ativo desde o ano de 2007, minha pesquisa sobre o assunto teve início, perto de 2015 e, desde que comecei a frequentar a página da LCS, tenho visto que os escritos ali postados transitam invariavelmente ao redor de compilar, de apresentar como uma língua foi feita, de relatar como foi a experiência criativa do *conlanger*. E, ao acenar para aspectos descritivos dos projetos, invariavelmente lançam-se mão das ferramentas que a Linguística já oferta ao estudo das línguas naturais, e ponto final.

Portanto, alfabeto, gramática, fonética, sintaxe, fala, escrita, e tudo o mais que a Linguística tem descrito, prescrito, isto é, produzido para descrever ou mesmo prescrever normas sobre as línguas naturais, são as mesmas ferramentas transpostas às *conlangs*, e partem do mesmo horizonte de estudos adotados para explicar o que são, como se comportam, e predizer o que esperar das línguas inventadas.

Como método complementar, vejo que não haveria problema em se propor um cruzamento metodológico, entre uma ou várias abordagens da Linguística, da Paleolinguística, da Socioninguística etc. Isto até enriqueceria os estudos e até, suponho, produziriam resultados interessantes.

Nos estudos de Daniel Leonard Everett (Everett, 2019), por exemplo, partindo de um

método próprio e de longa atividade de imersão, se defende que a linguagem é um artefato cultural ‘inventado’, há pelo menos, cerca de 1,5 milhão de anos, pelo *Homo erectus*. Daniel se apoia em suas próprias pesquisas de campo, incluindo o período de convivência com o povo indígena brasileiro, os Pirahã, cuja língua, foi denominada Pirahã ou Pirarrã, idioma este que foge totalmente dos padrões estruturais comuns a outras línguas naturais, segundo postulados das gramáticas que as descrevem. Talvez daí, é que ele tenha sido induzido a tratar a linguagem humana, num todo, como ‘invenção’: *Linguagem – a história da maior invenção da humanidade*.

O contraponto teórico, é que isto que ele propôs, afronta a teoria do inatismo, isto é, da preexistência de uma ‘gramática universal’ para as línguas naturais, de Noam Chomsky (Chomsky, 1975 e 2014), refutando a ideia de que os humanos nasceriam com um ‘órgão da linguagem’, programado geneticamente no cérebro. Diferentemente de teorias que atribuem o surgimento da fala ao *Homo sapiens*, há cerca de 50 mil anos, Everett recua nesta linha do tempo, e demonstra que o desenvolvimento teria ocorrido de forma ancestral e gradual, impulsionado por necessidades, como a de navegação, de construção, de ferramentas e de formação de comunidades.

Por isso, entendemos que, o que é preciso também se instituir, é um campo de estudo próprio voltado às línguas projetadas, que seja isento, que se distancie, o máximo possível, de vieses analíticos que já venham com pertencas teóricas diversas ou que tenham se originado nas línguas naturais, tendo em vista que, embora parecidos, os objetos de estudo compreendidos pelo binômio ‘Línguas Naturais’ versus ‘Línguas Inventadas’, se começam iguais, sob o ponto de vista do serviço prestado e das finalidades a que se destinam, por e para seres humanos, é provável que desemboquem em terrenos totalmente distintos, quando postas sob a lupa analítica das mais diversas áreas do conhecimento que delas se ocupem.

METODOLOGIA

Logo, se adotamos esta possibilidade por premissa, é salutar, então, pensarmos que, se tivermos uma ferramenta de análise própria e oriunda do reino das *conlangs*, não teríamos, ao menos em tese, enorme potencial gerador de resultados e totalmente tão imprevistos quanto metodológica e teoricamente surpreendentes?

Assim, para dar espaço a essa ideia, é que criei, a partir dos fundamentos das chamadas Ciências Ômicas, o termo Gramatômica, cuja proposta seria a de criar uma ferramenta ou área de

interesse exclusiva para descrever as *conlangs* e dar explicações sobre os fenômenos que as cercam.

Descrevi e datei o nascimento das primeiras informações sobre um ‘conceito’ de Gramatômica (2026), em 21/05/2026, em áudio, disponível pelo *link*: https://static.wixstatic.com/mp3/314365_a46fa1381773441c83e51f387346ee47.mp3. Cuidei, também, por se tratar de ‘conteúdo novo’, de gerar o registro de produto tecnológico, inicialmente como marca científica nominativa, no Instituto Nacional de Propriedade Industrial – INPI, sob o Protocolo 943966531, de 02/06/2026. O nome do conceito foi apresentado ao INPI, assim: “GRAMATÔMICA – a ciência das línguas inventadas”.

Desde então, e com a necessidade de melhor respaldar as descrições que preciso fazer sobre as *conlangs* em meu próprio Projeto de Pesquisa, desenvolvido na UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos, desde o 2º semestre de 2024, é que tenho me dedicado a preencher a ideia deste conceito com os seus devidos critérios de taxionomia linguística.

Assim, voltando-se a Gramatômica às *conlangs*, até que o conceito se consolide, tenho estabelecido paralelos com fundamentos das línguas naturais, para orientar os neófitos quanto ao uso desta nova ferramenta metodológica. É assim, portanto, que nasceu a Tabela 1, abaixo, ainda em construção, mas, contudo, já dando conta de responder questões importantes sobre a natureza diversa das *conlangs* frente às línguas naturais.

Tabela 1 – Diferenças entre línguas naturais e *conlangs*

TABELA A		
CARACTERÍSTICAS	Língua NATURAL	Língua inventada: CONLANG
TAXONOMIA DA METODOLOGIA GRAMATÔMICA		
1. Intenção de criação	Não , donde se pressupõe que os nativos não se reuniram na caverna, ou no meio da floresta e, num belo dia, decidiram criar uma língua para melhorar suas interações.	Sim , donde se pressupõe que o conlanger tem um propósito na criação de uma língua.
2. Autoria: Individual / Coletiva / Digital	Não , a língua natural não tem origem rastreável e, ainda menos, centrada num indivíduo ou vinda de uma máquina, mas num grupo humano, socialmente organizado, geograficamente posicionado, historicamente situável e culturalmente identificado.	Sim , a autoria de uma conlang é quase 100% rastreável, pode ser gerada por um comando de IA, e não só pode como geralmente é produzida por uma só mente, tal como o caso da Língua Ignota, atribuída a Santa Ildegarda. Do mesmo modo, o Balaibalan, de autoria coletiva, atribuída a um conjunto de místicos sufis, no mundo árabe.
3. Diacronia	Sim , as línguas naturais,	Não , uma língua projetada tende a

	enquanto sistema de signos, recepcionam os postulados da Diacronia, uma vez que seus falantes, seu léxico, sua gramática sofrem mutações naturais ou instintivas ao longo do tempo.	não apresentar transformações ‘naturais’ ou instintivas ao longo de seu uso, eventos de mutação tais que dependeriam, em última análise, ou da previsibilidade disso no programa inicial, ou de inserções propositais de seu criador ao longo do tempo da existência da ideolíngua. De qualquer modo, mesmo que uma língua artificial apresente fatos de transformação linguística, fora do escopo preditivo do conlanger, esta ‘espontaneidade’ dos eventos não anulam a premissa criativa da língua, que foi o da autoria conhecida, o tempo datado e até mesmo a duração definida, condições que uma língua natural não tem.
4. Sincronia	Sim , uma língua natural se sujeita a uma abordagem descritiva sincrônica.	Sim , uma língua inventada também pode se sujeitar a uma descrição sincrônica de seu estado da arte.
5. Quanto à inteligibilidade do código	Sim , a língua natural se caracteriza por partilhar sua inteligibilidade em meio ao grupo donde se origina, sendo reprodutível geração após geração não só da comunidade de origem, como partilhável para outros que a queiram conhecer.	Não , visto que há conlangs, como os criptoletos, por exemplo, que foram criados justamente para encobrir seus significados sob o manto do segredo, gerando proteção, curiosidade, escassez de informações disponíveis ou quaisquer outros efeitos de sigilo derivados do uso de um código fechado de comunicação. Porém, pode-se relativizar este quesito, na medida em que nem toda conlang é um criptoletto. Conlangs artísticas, por exemplo, meio que só fazem sentido, se mais pessoas fora do contexto de criação e de uso a conheçam. Contudo, ainda assim, as artlangs não são feitas para o domínio público, ao contrário disso, são criadas para a expressão comunicativa de personagens de uma obra e, no máximo, prevendo a disseminação entre fãs e interessados no produto artístico ao qual o projeto linguístico se vincula.
6. Quanto ao parentesco ou tronco linguístico	Sim , a língua natural apresenta correlação real e rastreável em nível social, geográfico, cultural e histórico. E, no caso da língua natural, diferentemente da conlang, não se pode manter laços profundos com aspectos	Não , a conlang prototípica pode tanto prescindir quanto aderir a âncoras sociais, geográficas, culturais e históricas, sendo estas vinculações reais ou inventadas. A ressalva aqui, é que quando a ancoragem se estabelece nos domínios da realidade, se a conlang ficar muita próxima da realidade,

	criativos, tendo em vista que, se assim o fizer, a língua natural gradativamente vai abandonando sua condição de natural, passando a ocupar o lugar da artificial.	ela automaticamente deixa de ser invenção, e assume o mesmo papel da língua natural, condição que a anula sob o ponto de vista da criação artificial.
7. Espontaneidade	Sim , visto que os nativos sequer percebem que estão criando uma língua para atender certas necessidades subjetivas, de subsistência ou de contemplação, tais como: onde a água está; qual animal pode ser abatido; em que local é melhor construir uma cabana; quais vegetais são comestíveis; aproximar afetos e afastar inimigos, seriam os deuses astronautas, o que são essas vozes da minha cabeça, que coisa é fogo etc.	Não , visto que conlangers geralmente não são motivados por necessidades subjetivas ou de superação. Quanto à criação de uma língua, se pautam pela práxis do escapismo ou da sobrevivência: ora inventam, para atender a um contrato de trabalho artístico; ora criam, para proteger a si ou ao grupo num dado contexto; ora idealizam para codificar e dificultar a comunicação; ora o fazem, para se divertir etc.
8. Mudança e Variação	Sim , depende ou se sujeita à manipulação e ao uso de seus falantes / usuários	Sim , também depende da manipulação e do uso de seus falantes / usuários
9. Uso recorrente da língua antes de sua descrição formal	Sim , uma língua natural preexiste às descrições e teorias que a descrevem.	Não , por que a descrição nasce junto com a invenção da conlang, o que equivale dizer que isso é quase que uma prescrição.
10. Acoplagem primária a uma expressão falada	Sim , visto que não há registros de uma língua natural que tenha se originado de expressões escritas.	Não , embora, neste caso, por mero ludismo, por treino, ou por falta de ter o que fazer mesmo, seja possível que uma pessoa ou um grupo tenha idealizado uma língua inicialmente na oralidade, para que depois, a tenha fixado em suporte escrito
11. Acoplagem primária a uma expressão escrita	Não , pois, do mesmo modo que não conseguimos ir além das hipóteses de como seriam as línguas mortas, das quais nos restam poucos registros escritos, nenhum falante nativo aprende sozinho a tecnologia escrita de sua língua natural, ainda que atualmente ativa.	Sim , embora se possa supor que eventos como a ‘Língua do P’, um ‘Trava-línguas’, ou mesmo uma ‘Língua Neutra LGBT’, possam inicialmente ter circulado ou minimamente sistematizados oralmente, antes de terem sido difundidos no modo escrito.
12. Acoplagem fonotática	Sim , visto que um enunciado em língua natural precisa ser replicável e fazer sentido entre os usuários do idioma.	Sim , visto que um enunciado, ainda que em língua artificial, precisa ser replicável e fazer sentido entre os usuários do novo idioma.
13. Acoplagem Lexical	Sim , o léxico de uma Língua Natural é o conjunto total de palavras que existem nesse idioma. Ele	Sim , o léxico não precisa ser inventado do zero. Uma língua inventada pode perfeitamente utilizar palavras que já existem em

	funciona como o ‘dicionário mental’ compartilhado pelos falantes, e inclui não apenas as palavras catalogadas em dicionários oficiais, mas também gírias, termos técnicos, regionalismos, empréstimos linguísticos e expressões populares.	línguas naturais e ainda assim ser considerada uma Conlang. O que define um design linguístico arquitetado, não é a originalidade absoluta das suas palavras, mas sim o fato de as suas regras (morfologia, sintaxe, fonologia) e o seu vocabulário terem sido planejados conscientemente por um criador, em vez de evoluírem organicamente em uma comunidade de falantes.
14. Acoplagem Gramatical	Sim , na língua natural, uma de suas raízes mais profundas, incide na sua rastreabilidade gramatical. Ainda que as teorias linguísticas recepcionem os dialetos, os sotaques, as variações linguísticas como parte da evolução espontânea da língua natural, o horizonte formal, prescritivo ou descritivo donde esta ‘aceitabilidade’ emana, sempre é o paradigma ao qual os estudos linguísticos se reportam para mensurar se uma dada expressão linguística, se uma palavra, se um som, um certo código de comunicação é ‘válido’ ou não, segundo o modelo padrão previsto ou minimamente esperado como constituinte da manifestação linguística. Ou seja, na língua natural há, como premissa, um acoplamento intrínseco entre a língua que se expressa e a língua que se deseja que seja expressada.	Não , visto que a inventividade linguística e a ruptura para com a formalidade são duas das características mais marcantes de uma conlang. Isto é, na invenção, por premissa, se promove intencionalmente o desacoplamento gramatical quanto a um ou mais modelos formais a que eventualmente o conlanger inicialmente se atenha para construir sua língua. Rompem-se as fronteiras da razoabilidade com maior ou menor elasticidade semântica, morfológica, etimológica, gráfica, prosódica, sintática, a depender de seus criadores, do tempo de evolução da invenção, e mesmo das inserções feitas pelos usuários, se configurando a conlang, às vezes, como um sistema co-criado, na medida em que a conlang se torne pública ou que o conlanger permita, faleça, transmita ou abandone seu projeto.
15. Acoplagem semântica	Sim , num sistema de língua natural, é necessário que os interlocutores, em algum momento, geralmente este tempo é ignorado, desconhecido, pactuem, aceitem que para uma certa sequência mórfica, fonêmica, que uma relação sintática, haja um objeto ou fenômeno no mundo que com tal se identifique, do contrário, não haverá comunicação possível.	Sim , num sistema de língua artificial, também é necessário que os interlocutores, em algum momento, pactuem, aceitem que para uma certa sequência mórfica, fonêmica, sintática, haja um objeto ou fenômeno no mundo que com tal se identifique, sugerindo-se, por meio de seus grafemas e fonemas, uma comunicação possível padronizada.

16. Acoplagem à Nativização	Sim , a língua natural é primariamente nativa, ao menos em um primeiro contexto de surgimento, depois, pode ser levada a outros contextos de uso, pelos mais variados motivos: colonização, guerras, invasões territoriais, empréstimos linguísticos, usos comerciais, intercâmbios profissionais etc.	Não , visto que uma ideolíngua é primariamente estruturada, ainda que nesta etapa de elaboração do projeto, sejam reunidos elementos fragmentados de uma ou várias línguas de um mesmo tronco linguístico ou não, utilizados para a sua montagem. Os estudos que se formaram em torno da nativização do Esperanto, por exemplo, apontam justamente para a direção de que os neo-falantes de Esperanto, ao nascerem, crescerem em ambiente bilingue, de alfabetização em Esperanto e numa língua materna, tendem a transpor para a língua projetada, as mesmas nuances e adaptações gramaticais que as da língua 1.
-----------------------------	---	---

Fonte Tabela 1: Elaborado pelo Autor com Dados da pesquisa

Nesta Tabela 1, por enquanto, vemos uma série de proposituras já bem consistentes sobre as diferenças entre *conlangs* e línguas naturais. Contudo, como as explicações quanto às categorias de cotejamento já estão, de certo modo, apresentadas no corpo da própria Tabela A, convém, neste *paper*, apontar ao leitor, somente parte do roteiro de pensamento que seguimos para construir esta demonstração parcial sobre a Gramatômica.

Na Ciência, o termo ‘acoplamento’ (ou *coupling*), que utilizamos com frequência na Tabela A, não se refere a uma única teoria, mas a um princípio fundamental de interação: a ligação ou interdependência entre dois ou mais sistemas, processos ou entidades físicas, químicas ou biológicas.

Na Linguística, por sua vez, o conceito de acoplamento é fundamentalmente aplicado, por meio da perspectiva da Enação e da Linguística Cognitiva, fortemente baseadas na teoria do Acoplamento Estrutural, advinda dos biólogos e filósofos, tais como Francisco Varela *et al.* Eles cunharam o termo, a partir de 1990, apoiando-se na expressão, em espanhol, ‘en acción’ (em ação) (Varela, Thompson, Rosch, 2003).

Resumidamente, vemos que a Enação (ou enativismo), é uma abordagem das ciências cognitivas, que defende que a mente e o conhecimento surgem da ação do corpo no mundo, em vez de serem apenas frutos de processamentos internos do cérebro. Isto é, esta perspectiva, tal como a de Everett (2019), rejeita a ideia de que o cérebro é uma espécie de computador, pois entende que ele faz parte de um sistema dinâmico indissociável, formado pelo próprio cérebro, integrado ao corpo e ao ambiente, suscetível às interações com o espaço-tempo e com outros seres

vivos.

Na prática, isto quer dizer que a linguagem só faz sentido se você só entende o que uma ‘cadeira’ é, a partir do momento em que seu corpo aprendeu a interagir com ela, sentando-se nela. Ou seja, conhecimento linguístico pressupõe um ‘saber fazer’ prático e motor.

Em suma, enquanto minimalistas linguísticos, como Noam Chomsky, compreendem que a mente humana possui sistemas internos que precisam se acoplar perfeitamente para que o fenômeno de comunicação se concretize, o enativismo propõe que, além disso, o sujeito precisa interagir com o mundo e seus objetos e se movimentar com eles ou a partir deles. Um *conlanger* faz isso espontaneamente, tendo em vista que o Projeto que dá origem a uma nova língua, parte exatamente deste pressuposto de enação, como argumento *a priori*.

Esta conduta, na esfera das línguas naturais, a vemos na *Speech Accommodation Theory* – SAT / Teoria da Acomodação Linguística (Giles, 1971), por exemplo, donde também se originam os estudos de hábitos linguísticos diversos, tais como gírias, dialetos, sotaques, os quais mudam e se adaptam dinamicamente para se alinhar com o grupo social em que se esteja inserido. Por isso, este aparato teórico não se ajustaria muito bem às *conlangs*, uma vez que a variação linguística, dialetal, regional, só existirá numa *conlang*, se fizer parte da previsibilidade da arquitetura linguística que a presume, do contrário, os usuários da ideolíngua simplesmente podem não mais se entenderem, tendo em vista que tais variações simplesmente não foram previstas, tornando-se incompreensíveis quando subitamente manifestas.

A nativização tem acontecido com o Klingon e com o Esperanto demonstram exatamente isso. Quanto mais os neo-falantes destas línguas projetadas a utilizam em seus contextos de língua-mãe + língua inventada, mais eles tentam aproximar a arquitetura da L2 aos parâmetros da L1, atrelando-se, portanto, ao comportamento da língua natural, e não expressando uma ‘novidade’ evolutiva incomum, própria da *conlang*.

Assim, vemos que a Enação e a Linguística Cognitiva são correntes teóricas irmãs, que compartilham o mesmo DNA filosófico, isto é, recusam a visão de que a mente é um computador isolado e o entendimento de que a linguagem e o conhecimento dependem apenas do nosso corpo. No entanto, cabe salientar que, enquanto a Enação é uma teoria ampla, versando sobre as ciências cognitivas e a vida biológica, a Linguística Cognitiva é uma disciplina focada especificamente em como a linguagem humana funciona, sobretudo a partir de uma mente corporificada e interativa com o mundo e com o tempo que a rodeia.

Desse modo, ao lado destas explicações basilares, que orientaram a construção dos

argumentos dispostos na Tabela A, cabe ainda neste Artigo, um adendo sobre a formulação do nome ‘Gramatômica’. Este designativo advém do escopo morfológico que nomeia as chamadas ‘Ciências Ômicas’. O *Google Gemini* nos traz uma explicação bem sucinta e útil sobre a natureza de tais Ciências.

As ciências ômicas, segundo o *Gemini*, são campos da Biologia, que estudam o conjunto de moléculas de um organismo, de forma simultânea e integrada. O termo ‘ômica’, por sua vez, vem do sufixo grego -oma, e significa ‘todo’ ou ‘conjunto’, permitindo uma visão global e detalhada de como as células funcionam, em tempo real. Daí, então, é que surgem campos de estudos, tais como a Genômica: que estuda todo o DNA (o genoma), mapeando genes e mutações. Ou ainda, a Metabolômica: que examina as pequenas moléculas metabólicas (o metaboloma), refletindo o estado fisiológico atual de um organismo.

Assim é que, para a propositura da Gramatômica, pensei em transpor a lógica do estudo global, simultâneo e dinâmico de sistemas biológicos, para o sistema da linguagem humana. Então, ao invés de se analisarem elementos linguísticos isolados (como uma única palavra ou uma regra gramatical fixa ou a sintaxe da frase), a Gramatômica se debruçará aos estudos do conjunto total e integrado de estruturas regulatórias ou formadoras de uma língua inventada, quer elas coincidam ou não com o que já dominamos sobre as línguas naturais, bem como, integrando tais construtos em um dado ecossistema social de criação, de disseminação, de geração de renda.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Logo, do mesmo modo como a Biologia vai do código bruto do organismo humano (o DNA), à resposta física e funcional do sistema (o metabolismo), a Gramatômica se estrutura em camadas integradas de dados em larga escala (*High-Throughput*). O seu foco é o sistema vivo e interconectado. Uma alteração na concepção fonológica da neolíngua (*e. g.* a forma como as pessoas pronunciam certos fonemas na internet, pode passar a integrar o Projeto) afetará instantaneamente a morfologia e a sintaxe multi-ômica da Linguística descritiva da *conlang*, desde que o projetista da língua incorpore em seu glossário.

Chega-se nisso, a uma metabolômica da Língua, em que o resultado final perceptível provoca nos *conlangers*, a necessidade preditiva de inserir em seus Projetos de Língua, variações linguísticas, gírias e adaptações que eventualmente podem ser causadas pelo ambiente externo ao contexto gerador da ideolíngua (interação social, internet, contexto histórico). O que na língua

natural, se daria em termos de variação linguística e de cunho imprevisível, na *conlang*, obedece a um caráter necessariamente preditivo.

Assim, podemos falar, inclusive, numa transcriptômica da Língua inventada, dedicada a observar a sua expressividade. Isto é, se numa língua natural, a preocupação é a de estudar quais regras e estruturas estão sendo ativamente ‘transcritas’, ‘utilizadas’, na língua inventada se dará somente em termos antecipatórios de elementos que podem ou não ser tomados como ‘padrão de realização’ por uma comunidade linguística idealizada, em um momento específico de uso da língua projetada.

E, finalmente, poderíamos propor, também, uma proteômica da Língua artificial, voltada às análises de suas estruturas funcionais. A análise das construções gramaticais reais e complexas que realizam, de fato, o ‘trabalho’ de comunicação entre os usuários, o que equivale a afirmar, que se, enquanto na língua natural se busca detectar quais funções sintáticas e textuais estão em ação durante o uso, na ideolíngua, isto é, um *a priori*, que obrigatoriamente deve anteceder aos eventos de uso.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LICENCIAMENTO DE MARCAS E PERSONAGENS.

Mercado de licenciamento no Brasil. São Paulo: ABRAL, [2026]. Disponível em: abral.org.br. Acesso em: 8 jul. 2026.

BEEPLE (Michael Winkelmann). **Everydays: The First 5000 Days.** 2021. 1 ilustração digital. In: GROSSI, Denio. 10 NFTs mais caros do mundo! Por que valem tanto?. Belo Horizonte: Blog Coinext, 9 abr. 2025. Disponível em: <https://coinext.com.br/blog/10-nfts-mais-caros-do-mundo>. Acesso em: 11 jul. 2026.

BERGEN, Benjamin K. Of speakers, Kerckhoffs' principle, and a planned language: the case of native Esperanto. **Language in Society**, Cambridge, v. 30, n. 4, p. 575-595, out. 2001. Disponível em: [jstor.org](https://www.jstor.org). Acesso em: 8 jul. 2026.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da Teoria da Sintaxe.** Coimbra: Capitulo, 1975.

CHOMSKY, Noam. **Linguística Cartesiana:** um capítulo na história do pensamento racional. Tradução de Maria do Rosário Pedreira Flizikowski. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2014.

CONLANG Wikibooks. **Types of constructed languages.** [S. l.]: Wikibooks, 2024. Disponível em: wikibooks.org. Acesso em: 7 jul. 2026.

CORSETTI, Renato. A mother tongue spoken only as a second language. **Language Problems and Language Planning**, Amsterdam, v. 20, n. 3, p. 263-273, out. 1996. Disponível em: doi.org. Acesso em: 8 jul. 2026.

COUTURAT, Louis; LEAU, Léopold. **Histoire de la langue universelle**. Paris: Hachette, 1903.

EVERETT, Daniel Leonard. **Linguagem** – a história da maior invenção da humanidade. São Paulo: Contexto, 2019.

GILES, Howard. Our reactions to accent change: Context and sex. **British Journal of Social and Clinical Psychology**, 1971, v. 10, n. 4, p. 280–283.

GNOLI, Claudio. The Gnoli Triangle. [S. l.]: **Gnoli Personal Website**, [20--]. Disponível em: natec.it. Acesso em: 7 jul. 2026.

GRAMATÔMICA. Áudio – descrição de conceito, 21/05/2026. Disponível em: https://static.wixstatic.com/mp3/314365_a46fa1381773441c83e51f387346ee47.mp3.

GROSE, Francis. **A Classical Dictionary of the Vulgar Tongue**. Londres: S. Hooper, 1785.

GOLIJAN, Rosa. **Man Spoke Only Klingon to His Son for Three Years** (And Wrote Us a Letter). Gizmodo, [s. l.], 19 nov. 2009. Disponível em: <https://gizmodo.com/man-spoke-only-klingon-to-his-son-for-three-years-and-5408022>. Acesso em: 8 jul. 2026.

HARNESS, Lacy. **The Process of Inventing Fictional Languages**. Idaho: Boise State University, 2025. Disponível em: <https://www.boisestate.edu/presidents-writing-awards/the-process-of-inventing-fictional-languages/>. Acesso em: 10/07/2025, às 15h14min.

HISKEY, Daven. A Man Once Tried to Raise His Son as a Native Speaker in Klingon. **Today I Found**, Out, [s. l.], 25 ago. 2012. Disponível em: <http://www.todayifoundout.com/index.php/2012/08/a-man-once-tried-to-raise-his-son-as-a-native-speaker-in-klingon/>. Acesso em: 8 jul. 2026.

HUTCHINSON, Jhon. DEFINING ‘NATURALNESS’ – Constructed languages as typological exploration. **RiCOGNIZIONI – Rivista di lingue, letteratura e culture moderne**, 23, 2025 (XII). Disponível em: <https://ojs.unito.it/index.php/ricognizioni/issue/view/901>. Acesso em: 11/07/2025, às 12h43min.

ITAWAY Ecotours. A face de pedra da Pedra da Gávea. 2022. 1 fotografia. In: **PEDRA da Gávea: Tudo o que você precisa saber**. [S. l.]: Itaway Ecotours, 8 maio 2022. Disponível em: <https://pt.itawayecotours.com/2022/05/08/pedra-da-gavea/>. Acesso em: 11 jul. 2026.

LANGUAGE CREATION SOCIETY. **Language Creation Conference Proceedings**. San Francisco: LCS, 2007-. Disponível em: <https://conlang.org>. Acesso em: 7 jul. 2026.

LICENSING INTERNATIONAL. **Global Licensing Industry Study**. New York: Licensing International, 2025. Disponível em: licensinginternational.org. Acesso em: 8 jul. 2026.

LINDSTEDT, Jouko. Native Esperanto as a test case for natural language. In: JAFFA, J. (ed.). **Language evolution, language acquisition, and the planned language community**. Amsterdam: John Benjamins, 2006. p. 47-63.

LISPECTOR, Clarice. A Língua do ‘P’. In: LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo**. Rio

de Janeiro: Rocco, 1974, p. 67-70.

LOPES, Reinaldo José. **With many voices and in many tongues**: pseudotradução, autorrefração e profundidade cultural na ficção de J.R.R. Tolkien. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-14032013-124446/publico/2012_ReinaldoJoseLopes.pdf. Acesso em: 8 jul. 2026. (Nota: O autor é um dos principais tradutores oficiais de Tolkien no Brasil pela editora HarperCollins).

MARTINS, Roberta G. **O sistema fonológico das línguas élficas comparado com o sistema das línguas indo-europeias**. Revista X, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 45-62, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/download/5438/5227>. Acesso em: 8 jul. 2026.

McCOY, Kevin. **Quantum**. 2014. 1 ilustração digital. Disponível em: <https://nftnow.com/wp-content/uploads/2022/11/quantum-kevin-mccoy-first-nft.png>. Acesso em: 11 jul. 2026.

MEARLS, Mike; CRAWFORD, Jeremy. **Player's Handbook**: Livro do Jogador. 5. ed. São Paulo: Galápagos Jogos, 2017. p. 45

OKRAND, Marc. **Dicionário da língua klingon**. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Aleph, 1995 The Klingon Dictionary – Wikipedia.

OKRAND, Marc. **The Klingon way**: a warrior's guide. New York: Pocket Books, 1996.

OKRENT, Arika. **In the land of invented languages**: Esperanto rock stars, Klingon scholars, and the Wall Street eccentrics who hoped to design a perfect world. New York: Spiegel & Grau, 2009.

OMELETE COMPANY; GO GAMERS. **Pesquisa Geek Power 2024**. São Paulo: Omelete Company, 2024. Disponível em: omeletecompany.com. Acesso em: 8 jul. 2026.

PETERSON, David J. **The art of language invention: from Word building to World building, from script to stage**. New York: Penguin Books, 2015.

SOUZA, André Luiz de. Língua e história no universo mitológico de J.R.R. Tolkien. **Intersaberes**, Curitiba, v. 11, n. 23, p. 134-148, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1524/1234>. Acesso em: 8 jul. 2026.

SPEERS, d'Armond. **Dad Spoke Only Klingon To Son For Three Years**. [Entrevista concedida a]. The Huffington Post, [s. l.], 18 mar. 2010. Disponível em: https://www.huffpost.com/entry/darmond-speers-dad-spoke_n_363477. Acesso em: 8 jul. 2026.

TERRALIMPA TV. A face de Badezir na Pedra da Gávea. 2010. 1 fotografia. In: TERRALIMPA TV. **Pedra da Gávea**: Lendas e Histórias. [S. l.]: Blogger, 7 mar. 2010. Disponível em: <http://terralimpatv.blogspot.com/2010/03/lendas-e-historias.html>. Acesso em: 11 jul. 2026.

TIMP, Adri *et al.* **Conlanging with Britton Watkins | Lingvokonstruado kun Britton**

Watkins. YOUTUBE, 2016. Disponível em:

https://youtu.be/nyv4iWch9ps?list=PL_eBUWZrNhodrsuwGUVnQFHjj1MLNL8L. Acesso em 07/07/2026, às 12h39min.

VALADARES, Flavio Biasutti; MOURA, Mateus Rodrigues de. Internetês: neologismos gírios nas redes sociais. **Entretextos**, Londrina, v. 16, n. 2, p. 179–198, 2016. DOI: 10.5433/1519-5392.2016v16n2p179. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/24041>. Acesso em: 10 jul. 2026.

VARELA, Francisco J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **A Mente Incorporada: ciências cognitivas e experiência humana**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VILA DE UTOPIA. **Linguagem de Camaco, aquilombamento linguístico**: uma invenção de resistência dos itabiranos – ‘Emqu base lafar guinlagem de camaco em Ibatira?’, 2021.

Disponível em: <https://viladeutopia.com.br/linguagem-de-camaco-aquilombamento-linguistico-uma-invencao-de-resistencia-dos-itabiranos/>. Acesso em: 11/07/2025, às 18h04min.